

REVISTA DE ATUALIDADE CRISTÃ | EDIÇÃO ESPECIAL 2019

# MORIAM

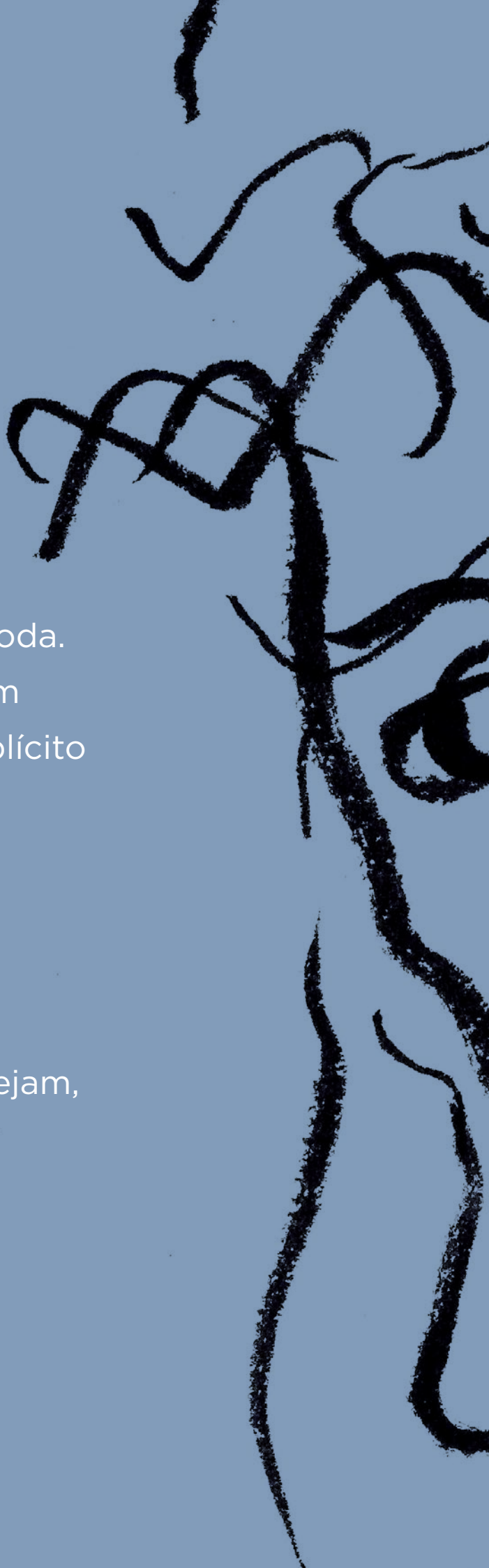
ONLINE



**Há uma missão**  
para nós no mundo.

## **Constituição 5, CSSR**

O mandato conferido à Congregação de evangelizar os pobres visa a libertação e a salvação da pessoa humana toda. Os membros da Congregação têm como incumbência o anúncio explícito do Evangelho e a solidariedade com os pobres, a promoção de seus direitos fundamentais na justiça e na liberdade, com o emprego dos meios que sejam, ao mesmo tempo, conformes ao Evangelho e eficazes.







REVISTA DE ATUALIDADE CRISTÃ

# MIRIAM

## EDIÇÃO

CSSR - PIM

Congregação do Santíssimo Redentor -  
Partnership in Mission

## Direção Editorial

Ana Castro mlr  
Célia Bonifácio mlr  
Margarida Ferreira mlr  
Sérgio Martins mlr  
Rui Santiago cssr

## Equipa de Redação

Ana Ascensão  
Ana Montenegro  
Beatriz Castro Pérez  
Brendan Dineen  
Carlos Viol cssr  
Glória Marques mlr  
Ives de Mey cssr  
José Silva Oliveira mlr  
Michael Brehl cssr  
Miguel Cardoso  
Miguel Vale  
Pedro López cssr  
Pedro Panzina mlr  
Rui Santiago cssr  
Teresa Ascensão mlr

## Design e paginação

Miguel Cardoso @ Terra das Ideias

## EDITORIAL

Olá!

**In this special day, celebrating the foundation of our beloved Congregation of the Most Holy Redeemer, we decided to make a special magazine embracing different languages, nationalities, experiences, testimonies. Witnesses of the Redeemer: In Solidarity for Mission to a Wounded World is the theme of this six-year term, and there we went to look for such witnesses around the world.**

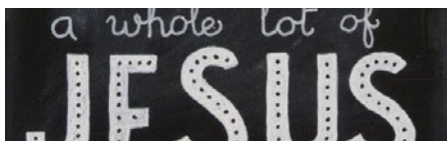
Esto se refleja en la diversidad de idiomas y experiencias que tenemos que contar. Ser capaz de expresarnos en diferentes idiomas es de una riqueza sin igual, a pesar de que todos no entienden cada palabra. Cada idioma tiene una forma diferente y única de hablar de Dios y llenar la Palabra de Vida. No deberemos nunca dejar que los múltiples idiomas sean una limitación, pero mirarlo como una oportunidad de enriquecimiento.

**Andiamo per una passeggiata attraverso questa MIRIAM come chiunque vada in giro per il mondo ad ascoltare notizie di famiglia. Portiamo buone notizie in mezzo delle calamità. Portiamo bellissime testimonianze missionarie in vari continenti. Diamo un'occhiata accurata ai problemi. Anche per i più piccoli abbiamo una storia così bella su quanto sia facile raggiungere i feriti del mondo nella concretezza dei giorni.**

Ser testemunha é alguém que põe a sua vida na Verdade, dar testemunho é fazer da sua palavra, palavra que conta. Viver a nossa vida concreta como Testemunhas do Redentor é um desafio e um privilégio do qual devemos estar conscientes. Há uma missão para nós no mundo. Optar por deixar que isso passe ao lado é perder uma oportunidade de nos cumprirmos enquanto seres humanos e de sermos ferramentas de Cristo para levar o mundo ao seu Fim.

Abracemos esta vocação, FELIZES por ser nossa, no concreto das nossas ocupadas e rotineiras vidas.

# CONTEÚDOS



06

## AINDA HÁ BOAS NOTÍCIAS

Miguel Vale



08

## NOTÍCIAS DA IGREJA QUE NÃO É NOTÍCIA

Pedro Panzina mlsr



12

## DICIONÁRIO REDENTORISTA

Dom Francisco A. Ceballos E. cssr



14 - 30

## TESTEMUNHAS DO REDENTOR - SOLIDÁRIOS PARA A MISSÃO NUM MUNDO FERIDO

vários autores



31

## AS COISAS EM MIÚDOS

Ana Montenegro



32

## MAS NÓS NÃO

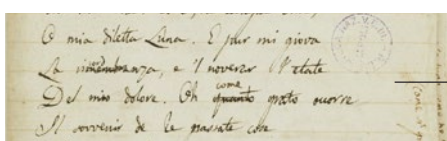
José Silva Oliveira mlsr



34

## WITNESSES OF THE REDEEMER

Michael Brehl cssr



37

## PORQUE LEMOS E ESCRIVEMOS POESIA

Rui Santiago cssr



38

## REDENTOON

Miguel Cardoso



# AINDA HÁ BOAS NOTÍCIAS

POR: MIGUEL VALE

A saída da cidade apanhou um “autobus” para fugir ao bulício do trânsito que provocava confusão. Saiu uns quilómetros mais à frente numa pequena paragem de uma aldeia pequena, de modo a retomar o seu caminho de peregrinação. Meio da tarde. Calor. Planalto de Castela. Hora de sesta. Ninguém na rua.

Embora minúscula a aldeia, deu-lhe trabalho encontrar uma “cafeteria” aberta àquela hora. Mexiam-se apenas uns cães e uns gatos, rodando a sua posição no asfalto de modo a ficarem sempre na sombra. As portas das casas estavam fechadas para que não entrasse nem uma linha do sol abrasador. Apenas ele caminhava, protegido pela mochila e outro equipamento moderno de peregrino “à maneira”. Confiante.

- Confia - dizia para si.

Capta de repente, pela audição periférica, um ruído de um click de uma porta de alumínio a bater; foi só voltar a cabeça para o lado direito, mas apenas já só viu o abanar de umas cortinas. Foi lá. Bateu. Entreabriram (soa familiar, entreabrir-se uma porta quando se bate...).

O sorriso de uma mulher gasta, de meia-idade...quer dizer, de meia-idade gasta, ventada, de cabelos sujos de muito sol, de algumas agruras e - se calhar - maus tratos, abriram o que faltava abrir da porta. Escancarou a porta, aquele sorriso. Àquela hora.

Os olhos dela, joviais, claros, diziam tudo e refrescavam. Estavam felizes por poder ajudar o peregrino, o estrangeiro. Nem que fosse só para dar uma informação, uma indicação, um apontar de direcção com o dedo do caminho que devia tomar. Convidaram a entrar para a frescura, ultrapassando o umbral.

Outra senhora fazia compras, na loja.

- Hola. Cómo estás? Bien? Qué tal? Que quieres...

- (eia....) Bien. Gracias. Estaba buscando una....

- Espera un poquito...

- Sí. Claro...

(acabou de atender a outra senhora, que saiu saudando com um Buen Camino! Gracias...)

- Mira. Di-me...que quieres?

- Quería un bocadillo... e una bebida fría para llevar...

- No tengo bocadillos. Aquí no es una cafeteria...

- Ahh...perdóname...no vi...pensé que era una cafeteria - disse enquanto olhava ao redor da loja já habituado à pouca luz e vendo, envergonhado, que não se tratava mesmo de um café onde se vendessem “bocadillos”.... - entonces quería solamente una bebida fría, para llevar.

- No tengo bocadillos - repetiu com um ar malandro e o mesmo sorriso que abriu a porta, agora quase riso, a que não se atrevia para não mostrar os dentes que não tinha - pero te puedo hacer un bocadillo...

- Dé verdad?

- Claro. Sí. Di-me dé que quieres tu bocadillo? Jamón ibérico, jamón serrano, queso, tortilla francesa...Tu di-me... - quase uma ordem para que escolhesse a san-de que mais conviesse...

Abananado pelo assomo de generosidade de que tinha sido alvo, o peregrino só conseguiu dizer:

- Jamón... (servia perfeitamente, então?, tinha sal, tinha proteínas, tinha gordura...não que ele percebesse muito sobre os nutrientes de que ia necessitar, mas parecia-lhe bem, uma san-de para levar, para embrulhar, para o caminho, assim com tanta generosidade só lhe faria bem) - Jamón, repetiu...

Voltando-se de costas, do outro lado do balcão, a senhora da mercearia, pegou num pão grande e comprido, colocou-se de modo a que pudesse vê-lo e com uma faca na mão sobre o pão, perguntava, à medida que mudava a faca de posição ao longo do pão:

- Como lo quieres? Así, así - e mudava a faca de posição - así - agora a faca já estava a meio do pão..

- Puede ser así...respondou apontando para o meio do pão...

- Así? No...! Así...e esticou o corte no pão aumentando nessa medida a generosidade de mulher.

- Jamón, no?- Sí...

Já virada de frente, junto do balcão do frio, tira uma embalagem de presunto. Nova. Abre-a.

- Cuantas quieres...

- Dos o tres...

Pumba, põe cinco ou seis fatias...

Entrega o pão, já “bocadillo”, embrulhado em saco de papel.

- Qué quieres para beber...?

- Una coca-cola fría...por favor.

- Ooohhh...no tengo...pero tengo Kás Naranja...

- Ok. Puede ser...(já tanto fazia, uma ou outra bebida, desde que fosse fresca)

Estende a mão, chega o Kás Naranja e de mãos dóceis e sujas, entrega a encomenda.

- Cuanto é? - 70 céntimos...

- ¿!?!?!?!?...No puede ser...Un bocadillo e un Kás Naranja, no puede ser 70 céntimos...

- Sí. Claro que puede. Claro que sí. Te lo digo yo! Pagas solamente él Kás Naranja...lo bocadillo te lo doy YO...Peregrino! Te pido solamente una cosa: cómelo a la mía salud e reza por mí un chiquitito...

- Lo haré...Claro que sí...Un beso...

- Buen Camino, Peregrino!

-Sí. Ahora sí...es un camino mejor...Como te llamas?

- Maria.

- Ya sospechaba.

# Lei de Bases dos Cuidados Paliativos

Para entrar em vigor a 1 de Janeiro de 2013, foi publicada, a 5 de Setembro de 2012, a Lei de Bases dos Cuidados Paliativos. Tem o número 52/2012.

Começa assim o seu texto: “A Assembleia da República decreta”.

Sim senhor. Decreta. E desta vez...há sinais de ter decretado bem.

Na profusão de leis, normas, decretos-lei, regulamentos, portarias, despachos e afins que “todo o santo dia” são publicados, esta captou a atenção por uma razão, repetida 5 vezes, no mesmo texto: o radical “espírit” que aparece na forma de “espiritual” e “espirituais”.

Nessa aparição, o legislador diz-nos que entende (e, por isso, todos devem entender) por “cuidados paliativos”: “os cuidados ativos, coordenados e globais, prestados por unidades e equipas específicas, em internamento ou no domicílio, a doentes em situação em sofrimento decorrente de doença incurável ou grave, em fase avançada e progressiva, assim como às suas famílias, com o principal objetivo de promover o seu bem-estar e a sua qualidade de vida, através da prevenção e alívio do sofrimento físico, psicológico, social e espiritual, com base na identificação precoce e do tratamento rigoroso da dor e outros problemas físicos, mas também psicossociais e espirituais.”



Entende então, o legislador, a Assembleia da República, que as pessoas podem sofrer espiritualmente e que esse sofrimento merece cuidado e alívio; as pessoas já não têm de sofrer apenas física, psicológica e socialmente; já podem sofrer espiritualmente e que o alívio da dor espiritual contribui para o bem-estar de quem sofre.

Do que me lembro, é a primeira vez que vejo num texto do órgão legislante por natureza, e por natureza também, um órgão separado (por via de muitos institutos e artifícios e ficções sociais e jurídicas) da preocupação pelo transcendente, a palavra “espírito”, o que é já um bom sinal de que se está a ir ao encontro de um caminho comunitário que entende que não se deve separar no homem o que Deus uniu...

As coisas do espírito - seja ele qual for - são sempre tabu para estes textos.

Ainda que seja apenas um pálido começo reconhecer que, pelo menos no fim, as pessoas têm espírito, é bom perceber que o Espírito começa a meter-se nestes textos...

Mais à frente reconhece-se também que paliar tem princípios:

- “a) Afirmção da vida e do valor intrínseco de cada pessoa, considerando a morte como processo natural que não deve ser prolongado através de obstinação terapêutica;
- b) Aumento da qualidade de vida do doente e sua família;
- c) Prestação individualizada, humanizada, tecnicamente rigorosa, de cuidados paliativos aos doentes que necessitem deste tipo de cuidados;
- (...)
- f) Consideração pelas necessidades individuais dos pacientes;
- g) Respeito pelos valores, crenças e práticas pessoais, culturais e religiosas;
- h) Continuidade de cuidados ao longo da doença.”

Paliar, agora, tem também preocupações religiosas.

É bom saber. É bom que saibamos. O Espírito anda a fazer das suas: e entra, como sempre, pelo lado mais frágil. É bom perceber que começam a existir territórios sagrados.

É uma boa notícia que não veio nos jornais.

**Pub – bar. Teológico? Sim, claro.**

**Porque não?**

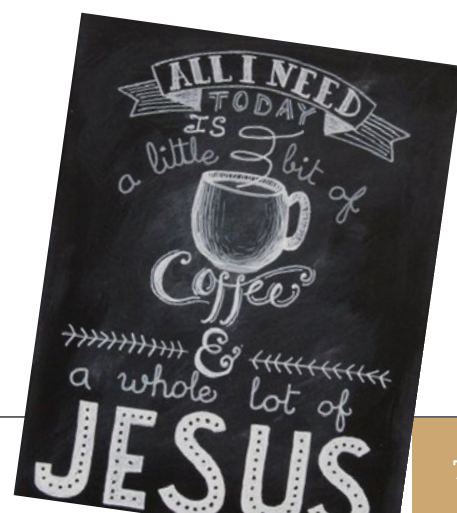
“Faço o que o Papa disse para fazer” no final do Sínodo dos Jovens com a Exortação Apostólica *Cristus Vivit*. São as palavras do Padre Luca Peyron, director da Pastoral Universitária de Turim e docente de Teologia da Inovação da Universidade Católica de Milão.

Cheira-me que inspirado na nossa “Fé em Linguagem Simples”, no dia 29 de Outubro de 2019, “para falar seriamente de fé”, os jovens e a comunidade são convidados a participar de um novo e simples formato, de pouco mais de uma hora, já divulgado como “pub teológico”. Num Pub, num bar.

Aqui para nós, que ninguém nos ouve, há mais de 2000 anos, Jesus fez o mesmo: foi aonde os outros não iam para dar resposta às inquietações das pessoas.

“A modalidade do pub teológico prevê meia hora de introdução, conduzida por um adulto – que pode ser um padre, uma freira, um religioso ou um casal – junto a um jovem para aprofundar sobre um tema específico. Para este primeiro encontro, num espaço da Praça Arbarello em Turim, o tema será a fé. Segundo Pe. Luca, já são previstos outros quatro encontros nesse formato que irão tratar sobre morte, santidade, perdão e amor.”

[VER MAIS](#)



# Notícias

DA IGREJA QUE NÃO É

# Notícia

**POR:** PEDRO PANZINA MLSR

**N**este tão amplo conceito de “mundo ferido” cabe um tal número de situações que cada um de nós daria, num ápice, num abrir e fechar de olhos, uma boa meia dúzia de exemplos de factos, situações, circunstâncias, que ali poderiam ser contidos folgadoamente e seriam bem ilustrativos de que vivemos num “mundo ferido”. As feridas do mundo e as feridas no mundo são, pois, muitas e não são de agora. Em cada tempo, o mundo deu à luz as suas chagas, que em todo o tempo provocaram as suas vítimas. As feridas do mundo da intolerância, sobretudo da intolerância religiosa, são brutais na geração da dor, do sofrimento, da perseguição e do martírio.

Sobretudo a história da Igreja Católica, a mais perseguida e discriminada de todas as religiões, está escrita a cor de sangue que foi vertido pelos doridos, pelos sofridos, pelos perseguidos, pelos martirizados. A história vem-nos mostrando, com a sua nudez cruel, que “Por simplesmente pertencer à religião errada, um número incontável de pessoas foi morto; muitos outros desapareceram e ainda mais foram aprisionados indefinidamente”. Proponho-vos, então, que olhe-mos para as intolerâncias que respeitam às discriminações e perseguições que se fazem por motivos religiosos, em locais onde “a liberdade religiosa não é um conceito; é uma questão de sobrevivência”. De acordo com o último relatório da AIS (Ajuda à Igreja que Sofre), o relatório “Perseguidos e Esquecidos?” recentemente publicado, não há sinais de

abrandamento da perseguição e violência contra os cristãos em muitos lugares do mundo, sobretudo no Médio Oriente. Por exemplo, no Iraque havia em 2003 1,5 milhões de cristãos e há agora menos de 150 mil, o que significa uma queda de mais de 90%. Também na Síria, é patente uma diminuição de cristãos de cerca de dois terços, desde 2011. Porque foram mortos, porque estão simplesmente desaparecidos, porque estão refugiados, tantos cristãos não são contáveis. A cartografia das perseguições a cristãos desenha-se também por outras latitudes, como na Ásia e na África. Só no ano de 2017, na Índia, foram notificados 477 incidentes contra cristãos. No Sri Lanka, a antiga Ceilão tão portuguesa, os atentados do último Domingo de Páscoa contra igrejas cristãs vitimaram mais de 800 pessoas, cerca de 300 das quais mor-



reram. Também nas Filipinas, na Nigéria, em Madagáscar, na República Centro-Africana, no Burkina Faso, no Mali, no Níger, na Tanzânia e, ainda, em Moçambique, sopram os ventos da intolerância e da violência contra os cristãos, apenas pelo facto de o serem, não obstante, como disse o Papa Francisco em 2014, “A razão reconhece que a liberdade religiosa é um direito fundamental do homem, refletindo a sua mais alta dignidade”.

Também entre nós, redentoristas, na nossa curta história de quase trezentos anos (só faltam treze para os festejarmos), temos histórias de perseguição e de martírio. Também nós temos a infindável riqueza do exemplo do sofrimento - porque seguir a Cristo é para doer e pode realmente ser perigoso - que só uma fé forte, uma esperança alegre, uma caridade

fervorosa, um zelo inflamado e uma oração perseverante sempre pode gerar e tudo suportar. Os tempos iniciais da expansão missionária da Congregação do Santíssimo Redentor, cujas constituições foram aprovadas em 1749 pelo Papa Bento XIV, “apenas” dezassete anos depois da sua fundação, não foram fáceis.

Os primeiros missionários redentoristas que se “aventuraram” para além dos Alpes, pela Europa e depois pelas Américas, sentiram as dificuldades em que as novas alvoradas ideológicas do século XVIII e XIX se traduziam, fossem as resultantes dos primeiros movimentos de secularização, fossem os pensamentos liberais, fossem as que mais incisivamente se manifestaram anticlericais e antirreligiosas, como as que nasceram com a Revolução Francesa. Tam-

bém a força que o racionalismo e o jansenismo tiveram na sua época, força que não hesitaram usar para perseguir e combater todos os que se lhes opunham, como os redentoristas que “ousavam” pregar nas suas “missões populares”, e aplicar nos confessionários, a benignidade moral e pastoral, anunciando o Deus da abundante redenção (em obediência ao seu lema: *Copiosa apud eum Redemptio*), gerou dificuldades extraordinárias e atrocidades sem conta.

Como referencial deste período, particularmente na Polónia e na Áustria onde estive em missão, não podemos deixar de referir o Padre Clemente Maria Hofbauer, cujo segundo centenário da sua Páscoa celebraremos no próximo ano, que veio a ser canonizado por Pio X em 1909, o mesmo Papa que lhe concedeu em 1914 o título

de Apóstolo e Patrono de Viena. S. Clemente Hofbauer, cuja história melhor conheceremos este ano, sem nunca ter deixado de pregar a paz e infinita bondade de Deus, passou pelos horrores da guerra e pelos ataques dos que, abandonando o cristianismo, se tinham tornados maçons. Os redentoristas foram então proibidos de pregar as suas missões e de ouvir confissões onde quer que fosse, mesmo na sua própria igreja, foram presos e expulsos para os seus países de origem.

Também em Viena, na sua pátria, S. Clemente Hofbauer veio a ser proibido de pregar e foi ameaçado de expulsão, ameaça que veio a converter-se em autorização para fundar os redentoristas na Áustria, em resultado de várias diligências feitas pelo grande apreço em que era tido pelo Papa Pio VII. Mais tarde, já no século XX, as perseguições feitas pelas ideologias nazistas e comunistas deixaram marcas inapagáveis

na história da Igreja e, portanto, também da CSsR.

A Guerra Civil de Espanha (1936-1939) gerou cerca de três centenas de milhar de mortos em ambos os lados da contenda, tenha sido em resultado dos actos de guerra, ou de doença, ou de fome ou de retaliações. Estima-se que 6.850 pessoas morreram em resultado de perseguição religiosa, das quais 13 eram bispos e mais de 6.000 por serem sacerdotes e religiosos. Destes mártires, seis eram redentoristas, os padres Javier, Ciríaco, Miguel, Julián, Pedro e o Irmão Victoriano, hoje conhecidos como os "Mártires de Cuenca", e que foram beatificados em 13 de Outubro de 2013, dia que o então Superior Provincial de Espanha, Padre Pedro López CSsR, considerou como sendo um dia de festa, dizendo que em vida eles fizeram com normalidade o que faz qualquer redentorista: "pregaram missões, dirigiram espiritualmente muita gente, confessaram,

estenderam a sua devoção à Virgem do Perpétuo Socorro e socorreram os mais necessitados", acrescentando: "Eles fizeram algo que os distinguiu muito, a sua heroicidade. Não só estar dispostos a dar a sua vida, como dá-la quando chegar o momento, é culminante ... durante a perseguição religiosa, preferiram passar pelo martírio, em vez de renunciar à sua condição de religiosos e de cristãos". A sua memória litúrgica celebra-se a 6 de Novembro, três dias antes de festejarmos a fundação da Congregação do Santíssimo Redentor. Outros casos de sofrimento pelas feridas do mundo há que merecem a nossa gratidão, conhecimento e estudo:

- Em 2001, foram beatificados quatro padres redentoristas ucranianos, martirizados pelo amor e dedicação total à sua fé, que os levou à entrega plena, absoluta, radical das suas vidas.

O Beato Nicolau, foi padre, redentorista, Doutor em Teolo-



gia e nomeado Bispo em 1931, perseguido pelos comunistas, que o consideravam “agente do Vaticano”, sofreu sevícias e torturas nos interrogatórios a que foi sujeito. Foi condenado a pena de dez anos de prisão na Sibéria. Na prisão encontrou o seu território de missão, onde consolou os colegas de sofrimento.

O Beato Ivan foi professor nos seminários da Congregação e superior de Comunidade. Em 1946 foi, com os demais 58 redentoristas, desterrado para a Ucrânia Ocidental. Aí foi nomeado Superior de todos os redentoristas da Ucrânia. Condenado a dez anos de prisão na Sibéria, aí sofreu torturas desumanas, a última das quais na Sexta-feira Santa de 1952, dia em que foi cruelmente açoitado, vindo a falecer três dias depois num hospital.

O Beato Basílio, depois de vinte anos de missões populares, em que criou fama como pregador e se destacou como

confessor sempre disponível, foi condenado pelos comunistas em 1940 ao fuzilamento, tendo esta pena sido comutada em dez anos de prisão na Sibéria. No “gulag” ensinou os presos a rezar e celebrava missa todos os dias. Veio a ser libertado, em virtude de uma grave doença do coração.

Sobre a vida do Beato Zenão pouco se sabe, a não ser que foi crucificado na parede do corredor da prisão e que foi fuzilado em 1941 por não renunciar à sua fé católica.

- O Padre Alec Reid CSsR, tinha a sua missão no mosteiro redentorista de Clonard, em Belfast, quando estalou na Irlanda do Norte o violento conflito que opôs nacionalistas católicos a protestantes, leais aos britânicos. A este propósito, ver e ouvir os Rostos e Testemunhos de Misericórdia (<https://vimeo.com/163639625>).

- Não deixem de acompanhar a tão especial missão do Padre Meyasser Behnam, CSsR, missionário redentorista iraquiano,

pertencente à Província de São Clemente (Holanda e Alemanha), que tem a sua missão em Bagdad, no violento e inseguro Iraque.

O mundo está ferido. O mundo tem feridas. São as pessoas que sofrem.

“Devemos rezar  
por esses irmãos  
que estão em guerra  
e pelos cristãos  
perseguidos,  
e os que querem  
expulsá-los  
daquela terra!  
Devemos rezar  
por esses nossos  
irmãos e irmãs”.

(Papa Francisco)





# DICIONÁRIO REDENTORISTA

## pa-la-vra

do latim parabola, -ae

Unidade linguística com um significado, que pertence a uma classe gramatical, e corresponde na fala a um som ou conjunto de sons e na escrita a um sinal ou conjunto de sinais gráficos. = TERMO, VOCÁBULO

Uma palavra é muito mais do que a sua própria definição linguística. Procurar o significado das palavras apenas no dicionário é deixar passar a oportunidade de que falem connosco nos diferentes contextos em que podem ser usadas. O Dicionário Redentorista atreve-se a ir mais além e coloca-as no contexto da missão e no coração do mundo. As palavras que escolhemos e usamos contam. Afinemos o olhar para ler e dizer o mundo através delas.

## TESTEMUNHO

O verbo “testemunhar”, no sentido grego, significa atestar. Portanto, uma autêntica testemunha é alguém que vê alguma coisa e dá testemunho sobre o que foi visto. As testemunhas, do ponto de vista jurídico, são pessoas capazes de fazer um relato do que elas sabem, por causa do que viram ou ouviram. Assim o testemunho não só tem o valor de informação. É uma narração, num julgamento, que a testemunha apresenta sobre um facto, sobre os motivos por trás de uma ação, ou o caráter de uma pessoa. Num nível mais profundo, as testemunhas, através dos seus testemunhos, comprometem-se plenamente. Num nível mais alto de compromisso, as testemunhas selam o seu compromisso com a causa que defendem, por meio de uma profissão pública da sua convicção interior. Isso pode levá-las ao sacrifício das suas próprias vidas no martírio. É por isso que a ação de arriscar a própria vida pode ser adequadamente chamada de “testemunho”, na medida em que essa entrega é a prova viva da convicção interior e da dedicação total da testemunha à causa em jogo.

## O TESTEMUNHO NA REVELAÇÃO

De acordo com o Antigo Testamento, “dar testemunho” significa expressar a sua vontade ou de outra pessoa. Para São Paulo, ser testemunha significa ser o portador da revelação de Deus, da sua oferta de salvação. Conforme o Novo Testamento, testemunho é uma declaração de um facto e a sua verdade depende da própria palavra da testemunha. Na Igreja primitiva, este testemunho manifestou-se na vida compartilhada na alegria, na caridade e na oração de uma comunidade (Atos 2,44-47). Na tradição cristã, o testemunho da vida religiosa tem a sua referência fundamental, inspiração e justificação última, em Jesus, o Filho de Deus. A partir desta perspectiva, “dar testemunho” é uma exigência absoluta, uma vez que o Cristianismo não é um sistema de pensamento apenas teoricamente comunicado, mas uma mensagem de salvação com base num evento que mudou todo o rumo da condição humana, e continua a desafiar a própria vida de quem recebe a mensagem. As pessoas do nosso tempo, mais sensíveis aos valores humanos, admiram e respeitam aqueles que são comprometidos, fiéis e conscientes nas suas tarefas, e que têm certos valores comuns que lhes permitem viver em comunidade. Portanto, os membros da Igreja devem dar testemunho do amor de Cristo numa sociedade pluralista como a nossa. Este testemunho deve ser um sinal da presença da salvação no mundo para as pessoas hoje em dia. Este sinal será mais convincente se o testemunho é não só obra de uns poucos indivíduos,

mas de todo um grupo, de uma comunidade inteira, ou mesmo de toda a Igreja. Se os cristãos são indiferentes ou não mostram respeito pelos valores genuínos reconhecidos pelo mundo secular, a sua profissão de fé cristã, ainda que aberta e enfática, corre o risco de soar vazia. Num tempo em que tantas pessoas anseiam por sinais proféticos do reino de Deus, nós perguntamo-nos: quem mais, além das comunidades religiosas, pode dar testemunho ao resto da Igreja?

## O TESTEMUNHO NA VIDA CONSAGRADA

Quem pode oferecer uma prova visível e tangível da força reconciliadora do amor de Cristo, se não uma comunidade religiosa que declara publicamente que a sua missão é seguir o Senhor com mais liberdade e radicalidade? O testemunho da nossa profissão de fé, a vivência dos votos e a nossa vida fraterna devem ser capazes de causar um impacto sobre o mundo, sendo testemunha tanto da atração de Deus como do nosso anseio por Deus. “A primeira tarefa da vida consagrada é tornar visíveis as maravilhas que Deus realiza na frágil humanidade das pessoas chamadas. Mais do que com as palavras, elas testemunham com a linguagem eloquente de uma existência transfigurada, capaz de suscitar a admiração do mundo” (Vita Consecrata nº 20). A Congregação do Santíssimo Redentor, como uma comunidade apostólica, tem sido marcada, ao longo de sua história, por duas características: proximidade do povo e a força do testemunho da comunidade como um sinal da presença do reino. A

nossa vida em comunidade é testemunho, não isoladamente, mas como uma presença, na abertura ao povo de Deus, no serviço e na habilidade para compartilhar com o povo tudo que somos e temos. A vida comunitária redentorista está inserida no mundo real, o mundo dos abandonados e especialmente dos pobres. Os Redentoristas dão testemunho do amor de Cristo através do testemunho das suas vidas (Const. 9). O “testemunho silencioso da sua presença fraterna” (Const. 8) é para a Congregação o desafio mais exigente e envolvente. Este é o lugar onde o futuro, a credibilidade, a fecundidade eclesial e social da vida consagrada está em jogo. O testemunho da “presença” é universalmente exigido como a primeira resposta e inabalável aos “sinais dos tempos” que desafiam a vida religiosa hoje. A presença junto ao povo dá credibilidade ao testemunho da Palavra. Portanto, a primeira e mais eficaz forma de evangelização é o testemunho da nossa vida consagrada, vivida autenticamente. O apostolado do “testemunho da presença” é uma forma legítima de evangelização. No entanto, deve-se evitar a ideia de que o aspecto da presença é puramente passivo, e que a “proclamação” é o aspecto ativo da evangelização (cf. Const. 10). Na verdade, eles andam de mãos dadas. “O homem moderno escuta com melhor boa vontade as testemunhas do que os mestres, e se ele escuta os mestres, é porque eles são testemunhas” (Evangelii Nuntiandi, 41).

Dom Francisco A. Ceballos E. cssr



# UMA NOVA HUMANIDADE

**POR:** TERESA ASCENSÃO MLSR

A narrativa bíblica está cheia de episódios de desencontros, opressões, lutas e mal entendidos entre pessoas, povos e nações. Como não podia deixar de ser, a história de cada um de nós também. Conflitos, disputas, incompreensões. A maior parte das vezes justificadas por diferenças que se encontram na história pessoal, na cultura, na formação, no contexto, no .... Conseguiríamos preencher uma folha inteira com possibilidades para justificar aquilo que nos põe em confronto.

A verdade é que isso conduz-nos, muitas vezes, à ilusão de que a harmonia reina com mais abundância

quando somos todos mais parecidos uns com os outros. Caímos na tentação de acreditar nas diferenças como uma pobre inevitabilidade, uma pedra no sapato com a qual temos de aprender a lidar. Como se o caminho para a concórdia estivesse na extinção e na resolução deste problema que nos calhou em sortes, como uma carga que nos foi imposta e que temos de aceitar.

Mas eu estou cada vez mais convencida de que menosprezamos a riqueza e a potencialidade deirmos todos de lugares distintos. Mais, estou cada vez mais convencida de que a originalidade que nasce da diferença é um desejo do Deus do Jesus. Acredito que

Deus olha para a diferença como uma via aberta para a alteridade, para a relação. E acredito que é sonho de Deus aprendermos a viver dentro da beleza que isso traz. Aprendermos a viver como Humanidade, criada e sonhada por Deus. Com todas as nossas diferenças.

Ainda não o conseguimos fazer. Muitas vezes, ainda nem sequer o conseguimos sonhar. Procuramos esbater as diferenças como uma solução funcional e prática para conseguirmos conviver. E não as aceitamos como potencialidade, sentido e realidade da nossa existência.

Mas sei que estamos a aprender. O sonho de Deus está a tornar-se real. Graças a Deus, a Igreja tem um papel forte e activo nesta procura. Graças a Deus, a nossa família Redentorista assume-o de muitas maneiras e em muitos lugares.

Um dos lugares mais bonitos onde vi isso a acontecer foi em Épinay-sur-Seine. Fica nos subúrbios de Paris, perto do romântico centro da cidade, mas muito longe daquilo que atrai turistas e viajantes. Em Épinay-sur-Seine as ruas são banais, com trânsito, barulho e poluição. Os prédios são altos, antigos e autênticas arrumações de pessoas. Nada que não estejamos habituados a ver nas nossas chamadas “cidades dormitório” em Portugal. Mas, já diz quem sabe destas coisas, nem tudo o que parece é. Neste lugar vivem migrantes de todas as partes do mundo. Portugueses também, claro! E têm de viver e conviver juntos. Para baralhar ainda mais as contas e as evidências, através de um sussurro que só pode ter sido do Espírito, a família redentorista decidiu fundar aqui uma comunidade constituída por um confrade vindo da Colômbia, outro do Burkina-Faso e outro do Vietname.

E que bonito é ver como vivem! A verdade é que não pensam todos da mesma forma, todos têm tradições, culturas e histórias muito diferentes, idades e fases da vida distintas. Um é preto, o outro moreno e outro tem os olhos em bico. Três línguas habitam naquela casa, mais o francês e todas aquelas que estudos e capacidades permitiram desenvolver. Paladares e gostos variados na comida. Eclesiologias que cresceram de diversas maneiras. Mas posso dizer que tudo isso não é ultrapassado ou combatido. Tudo isso é celebrado! Tudo isso é vivido naquela casa como graça e boa notícia. Aqueles nossos três confrades vivem em comunidade. Aqueles nossos três confrades vivem em comunhão. Sem ninguém deixar de ser quem é, sem ninguém passar a pensar de outra forma, só com o pretexto de ajudar à unanimidade. Ao mesmo tempo, ninguém ali é o mesmo desde o princípio e ninguém se assume melhor do que outro. Obviamente que não é uma comunidade perfeita... Obviamente que as diferenças trazem desafios. E as semelhanças também! Mas há uma base comum de uma vontade de comunhão de todos uns com os outros. E isso é testemunho para aqueles que convivem e celebram com eles. Um destes confrades, o Désiré, diz tudo isto de maneira muito clara: “A principal missão desta casa é sermos

comunidade. É a isso que estamos chamados a ser em primeiro lugar!” Algo tão constitutivo na família redentorista. Algo tão genético na presença de Jesus.

Acredito na COMUNHÃO como caminho para a concretização do sonho de Deus. Não unanimidade, não destruição do que nos distingue, não democracia e, muito menos, imposição de uma vontade qualquer. Mas comunhão.

Cada vez é mais fácil viajarmos para longe ou recebermos quem vem de longe. Cada vez é mais fácil cruzarmos realidades distintas, histórias e visões que nem nos cabiam na cabeça (e muitas vezes não cabem mesmo!). E ao mesmo tempo às vezes parece que cada vez mais nos assusta o que é diferente, o que não vive segundo os nossos valores e regras. Abrimo-nos ao mundo e fechamo-nos em nós mesmos.

Mas há a boa notícia de que há rasgos de futuro a acontecer. Pequenos vislumbres de que é possível e desejável. Vidas mais plenas porque abertas para os outros. Casas multicores, multilínguas, multiculturas. Sem medos. Sem barreiras. Um novo Povo, uma nova Humanidade, um novo Mundo. A Humanidade criada por Deus e cumprida em Jesus está a crescer e a tornar-se gente. Está a ganhar corpo. E já disse a primeira palavra: comunhão.



# Esperança Redentorista na Tailândia

**POR:** CARLOS VIOL CSSR

Q

uando me pediram para escrever sobre a missão redentorista na Tailândia, pensei que outras pessoas que conhecem mais profundamente aquela realidade poderiam escrever melhor do que eu. Contudo, aceitei com a liberdade de, além de apenas fornecer algumas informações, poder falar de como eu vi e vejo nossa presença naquele lugar da Ásia, conhecido por muitos como meta turística, mas que no

meu coração ecoou como um testemunho autêntico do Redentor. Tal experiência renovou minha esperança e, é claro, deixou aquele gosto bom de algo que aconteceu e que desejamos que aconteça mais vezes, que expressamos com o nome de saudade!

meu coração ecoou como um testemunho autêntico do Redentor. Tal experiência renovou minha esperança e, é claro, deixou aquele gosto bom de algo que aconteceu e que desejamos que aconteça mais vezes, que expressamos com o nome de saudade!

## O País

Com uma população estimada em quase 70 milhões de habitantes, 95% são budistas, 4,6% são muçulmanos e apenas 0,75% são cristãos (a maioria formada por católicos, mas que não ultrapassa 400.000 pessoas). No campo econômico, apenas a partir dos anos oitenta e noventa a Tailândia tornou-se um dos

novos países industrializados, não obstante os grandes desafios que ainda se encontram presentes. Seu nome deriva de Thai, que quer dizer “livre” ou “independente”, e se deve ao fato de nunca ter sido dominado ou invadido por outra nação.

## Nossa história e presença naquelas terras

Os missionários redentoristas norte-americanos da Província de St. Louis chegaram à Tailândia no período do pós-guerra (1948) e logo começaram a trabalhar com a população mais pobre do nordeste do País, assumindo diversos trabalhos em todas as regiões que, além das missões populares, compreendiam ações sociais de grande relevância.

Entre as iniciativas sociais destacam-se três fundações:

**Father Ray Foundation:** na cidade de Pattaya, sendo concebida inicialmente como um centro para os órfãos e crianças de rua, evoluindo posteriormente para um centro de formação técnica para pessoas diversamente hábeis, uma escola para cegos, comunidades-família para crianças abandonadas pelos pais etc;

**Centro da Misericórdia:** fundado e dirigido pelo Pe. Je Maier, encontra-se na periferia da capital Bangkok e teve início como lugar de acolhida para os pobres, pacientes com AIDS e crianças de rua. Hoje o centro é responsável por um programa de formação pré-escolar que já atendeu a mais de 100.000 crianças;

**Casa Sarneli:** fundada pelo Pe. Mike Shea, atende crianças e adultos com AIDS na região do rio Khong, fronteira com o Laos.

## Minha rica e saudosa experiência

Visitei a Tailândia pela primeira vez em 2015 a convite do saudoso Irmão Denis Gervais (+2018), um canadense que se fez redentorista inspirado pelo testemunho pessoal do Pe. Ray Brennan (+2003) e pelo seu trabalho com a “Father Ray Foundation”. Retornei posteriormente em outubro de 2016 para participar do XXV Capítulo Geral da Congregação Redentorista na cidade de Pattaya.

Acredito que para a grande parte dos cerca de 130 redentoristas ali reunidos durante quatro semanas, as pessoas que encontramos naquele lugar, o que vimos e escutamos, influenciou em muito na escolha do lema do Sexênio: “Testemunhas do Redentor: solidários para a missão em um mundo ferido”.

Saltou-me aos olhos o sentido de cada palavra, podendo tocar com o coração uma realidade redimida por confrades que descobriram um modo atual de viver o nosso carisma, sobretudo estando ao lado de pessoas mais vulneráveis, acompanhando-as e auxiliando-as no processo de crescimento.

Embora não seja um estudioso das ciências humanas, particularmente da sociologia da religião, mas sendo originário de um país de maioria católica (Brasil) e

tendo crescido num contexto de “cristandade tardia”, pareceu-me um grande desafio estar na posição de minoria religiosa. No “velho mundo” parece acontecer algo parecido através do processo de secularização, porém, os outros atores não são religiões diferentes, mas ateus e agnósticos.

No caso específico da missão na Tailândia, a maioria budista não exerce perseguição ou algum tipo de hostilidade sobre a minoria católica. Isso é já um fator muito positivo. Contudo, um grande desafio cultural nasce de um elemento presente em algumas religiões animistas, como o budismo, que fundamenta uma forma de aceitação da condição na qual se nasce, vivendo-a como um “karma” (todo o tipo de experiência, de felicidade ou sofrimento, é fruto de ações desenvolvidas no passado). Como consequência dessa visão teríamos a auto-redenção, ou seja, cada um seria “o protagonista” da própria salvação. Nesse contexto, a presença e o trabalho de nossos confrades, oferecendo mais qualidade de vida e proporcionando horizontes mais amplos a esta parcela da população, apontam para o novo de Deus, que nos redimiu. Sim, nossa redenção não é simplesmente mero fruto de nosso esforço individual, mas é dom Deus, graça que assume, transforma e transfigura.

Lembro-me, visitando uma aldeia com diversas casas-família (um casal acompanha até os 18 anos de idade cerca de 12 crianças abandonadas e órfãos), de ter perguntado ao Ir. Denis Gervais por que ele visitava quase todos os dias essas novas famílias e que tipo de equipe multidisciplinar acompanhava os casais e as crianças naquele processo. Ele me respondeu de um modo emblemático: “- Carlos existem vários tipos de limitação humana: deficiência física, visual, e até mesmo uma situação de pobreza aguda; todas essas formas podem se tornar um grande obstáculo na vida das pessoas. Nós ajudamos essas crianças a desenvolverem seus dons e capacidades, contudo, uma das dores maiores para um ser humano é ter sido rejeitado e abandonado por quem o gerou. Assim, nós ajudamos essas pessoas primeiramente acolhendo-as; aquilo que procuramos dar principalmente a elas é amor”. Não tive como não me lembrar do texto do Profeta Isaías:

“Pode uma mulher esquecer-se daquele que amamenta? Não ter ternura pelo fruto de suas entranhas? E mesmo que ela o esquecesse, eu não te esqueceria nunca” (Is 49,15).



# PIETRO BARBARESÌ, LA FUERZA EVANGELIZADORA DE LOS LAICOS

**POR:** PEDRO LÓPEZ CSSR

**L**as intuiciones de un hombre de Dios. Sabía bien Alfonso de Liguori que los pobres eran los preferidos de Dios; se había encargado su madre de despertar en él esta sensibilidad por los más abandonados de la sociedad. Y en el Nápoles del siglo XVIII se contaban a millares. Por eso gustaba Alfonso de visitar el Hospital de los Incurables. Y fue en sus idas

y venidas cuando descubrió a cientos de personas campando por las calles, sin mucho que llevar a la boca y con ninguna instrucción religiosa.

Alfonso comienza a reunir a estas gentes al atardecer, cuando la caída del sol marca el final de su trabajo. La plaza de la Chiesa della Stella se convierte en lugar de encuentro de pobres, albañiles, barberos, carpinteros, obreros, todos de la más baja condición social.

La experiencia de sentirse salvado

Y allí aparece Pietro Barbarese, un hombre amigo de la bebida y conocido en los barrios bajos de Nápoles. Una noche tiene la fortuna de pasar por la Plaza Stella donde Alfonso habla a los pobres del Dios que los ama entrañablemente, que sufre con sus problemas y perdona y olvida sus debilidades. La ternura y profundidad de las palabras de Alfonso llegan al corazón sediento de Pietro, que comienza a encontrar respuesta a las preguntas que se esconden en su corazón y sentido al vacío interior que lo va matando poco a poco. Esa noche fue noche de luz para el, y la primera de cientos de noches que siguieron a la primera forjando un corazón y un hombre nuevo.

La prohibición a Alfonso de reunir a las gentes al aire libre constituye el inicio de un nuevo y fecundo proyecto: las capillas del atardecer. Ahora, cada uno de los laicos, ya formados con las enseñanzas de Alfonso y sus compañeros, crean pequeños grupos en cada barrio, en las tiendas, en las casas particulares, haciendo posible un nuevo Pentecostés con la dispersión de los nuevos apóstoles.

La llamada a ser apóstol

Pietro Barbarese respondió con presteza a la invitación de Alfonso. Se le encomendó la capilla del atardecer ubicada en la pequeña iglesia de Santa María della Purità, en el popular barrio del Mercato, "la preferida por el santo como su hija primogénita". Allí, cada tarde, Barbarese instruyó a las personas del barrio en las cosas necesarias para la salvación, animó a todos a visitar al Santísimo y a cultivar la devoción a la Virgen. Más de 60 jóvenes se juntaban cada tarde en la capilla.

Un referente para nuestro tiempo

Es interesante comprobar cómo las capillas del atardecer se consolidan en el Nápoles del siglo XVIII como un medio evangelizador muy efectivo llevado

a cabo por los laicos. Una experiencia iniciada por San Alfonso, que debe inspirar el momento que vive hoy la Congregación:

- La preocupación por los más abandonados del momento, por los heridos de una sociedad que descarta a los más débiles, a los que no importan a nadie.
- La capacidad para acercarse a las personas, allá donde viven, en sus barrios y en sus casas, llevando el evangelio a la vida.
- El anuncio del Evangelio en pequeños grupos, que facilita el diálogo y la respuesta a los problemas y preocupaciones concretas de la gente.
- El acompañamiento permanente a las personas, con reuniones cada tarde, que posibilitaban un proceso de crecimiento: conversión, santificación y apostolado.
- La espontaneidad y flexibilidad de los grupos, con una mínima regulación, que hacía los encuentros vivos y dinámicos.
- La responsabilidad de los laicos en la dirección de las capillas del atardecer, que se convierten en los grandes líderes de este nuevo apostolado. San Alfonso es consciente de que ellos también poseen el Espíritu Santo y, además, la experiencia de la vida del mundo que les permite utilizar un lenguaje que entiende la gente sencilla a la que anuncian el Evangelio.

Esta es la experiencia de Pietro Barbarese y la de tantos otros laicos que responden a la intuición de San Alfonso. ¿No estaremos llamados hoy a actualizar esta experiencia de misión compartida entre los más abandonados de nuestro tiempo? Ahí queda el reto.





## JOSEPH WILLIAM TOBIN CSSR UM HOMEM QUE NÃO CALA

**POR:** GLÓRIA MARQUES MLSR

Numa Congregação cujo lema do sexénio é “testemunhas do Redentor em solidariedade para a missão, num mundo ferido” há visibilidades que obrigam a uma palavra lúcida e coerente, que seja motor de mudança.

Sessenta e sete anos, nascido de uma família irlandesa em Detroit. A vocação religiosa floresceu no seu bairro, na paróquia entregue a padres redentoristas. Foi na CSsR que Tobin fez os votos perpétuos.

Em Nova York licenciou-se em Teologia Moral, e em 1991 foi para Roma como Consultor Geral dos Redentoristas, e aí foi Superior Geral de 1997 a 2009.

Viajou muito e viu “por dentro” as crises e o florescimento que caracterizam as comunidades de religiosos e religiosas pelo mundo. Por isso, Bento XVI o fez secretário da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica, num tempo de tensões entre a Congregação para os Religiosos, o ex-Santo Ofício e as congregações religiosas femininas dos EUA.

Havia investigações e visitas apostólicas para averiguar da ortodoxia das irmãs dos EUA, acusadas de apoiar a reforma sanitária de Obama, denunciadas pelos militantes “pró-vida” e por alguns bispos,

numa espécie de “caça às bruxas”. Tobin, evitou os tons exasperados, e reconheceu publicamente que o modo de intervir do Vaticano provocara um clima pesado, dificultando o diálogo como se “alguém estivesse a dizer às irmãs que as suas vidas não eram leais nem estavam de acordo com a fé”.

Muitos não perdoaram a Tobin a maneira “dialogante e incomum de um prelado vaticano de alto nível tratar os assuntos”, e Tobin foi nomeado arcebispo de Indianápolis, afastado assim de Roma depois de ter manifestado alguma divergência das tendências dominantes na Cúria.

Quanto aos escândalos sexuais na Igreja, enquanto alguns gritavam ruidosamente “tolerância zero”, Tobin repetia que a única coisa realmente urgente era “pedir a Deus que coloque o seu dedo, o seu Espírito Santo, nos nossos ouvidos, pois há ruídos que ensurdecem. É preciso enfrentar os problemas a partir de dentro e tratar de desfazer os nós com paciência”.

Em Indianápolis, não deixou de

contrapor elegantemente o governador local, que queria a suspensão dos programas de acolhimento que a arquidiocese oferecia aos refugiados, especialmente sírios.

Em 2016, feito cardeal e bispo de Newark, Joseph William Tobin CSsR não alinhou no silêncio cúmplice perante as leis da imigração nos EUA.

Numa manifestação pacífica contra a Detenção de Crianças imigrantes, frente ao Newark Immigration and Customs Enforcement Office, a sua presença grita verdade e força:

“Sou Joseph. Sou padre católico. Sou bispo. Sou vosso irmão em Jesus Cristo, convosco nesta luta contra a detenção de crianças imigrantes. Que termine! JÁ!! É crime o modo como são tratadas e separadas das famílias. É uma violação da dignidade humana. Não há justificação para o que está a acontecer, assim como não há justificação para a construção de muros para separar os homens uns dos outros. As Crianças são uma bênção. No meu coração de pastor guardo todos os pais que que-



rieriam beijar os seus filhos de manhã, despedir-se deles, e não o podem fazer. É preciso pôr fim a esta desumanidade!”

Mas o farisaísmo continua a condenar quem segue o Mestre, e o cardeal Tobin foi acusado de herege por dizer que “o ensino católico sobre a homo sexualidade é infeliz e nocivo”, enquanto luta para que “a rejeição se transforme em acolhimento daqueles que, sendo do mesmo sexo, se relacionam, começando pelo uso, em Igreja, de uma linguagem menos dolorosa e menos condenatória dos diferentes”. Em 2018, o herético jesuíta Pe. J. Martin, acusa o Papa Francisco de nomear prelados “amigos dos gays, como o cardeal Tobin”, confirmado com o facto de o arcebispo de Newark, ter recebido homossexuais na Catedral do Sagrado Coração, numa “Peregrinação LGBT”

Acredito que o Cardeal Tobin não é um homem perfeito, Deus nos livre de gente perfeita, mas, segundo ele, há muita gente da Igreja que precisa curar-se da “esclerose do dedo apontado, pronto a condenar o “inimigo”, incapaz de ver humildemente a distância entre o ideal e a realidade, e por isso incapaz de uma vida de contínua conversão.”

“Sou Joseph. Sou padre católico. Sou bispo. Sou vosso irmão em Jesus Cristo, convosco nesta luta contra a detenção de crianças imigrantes.

Que termine! JÁ!! É crime o modo como são tratadas e separadas das famílias.

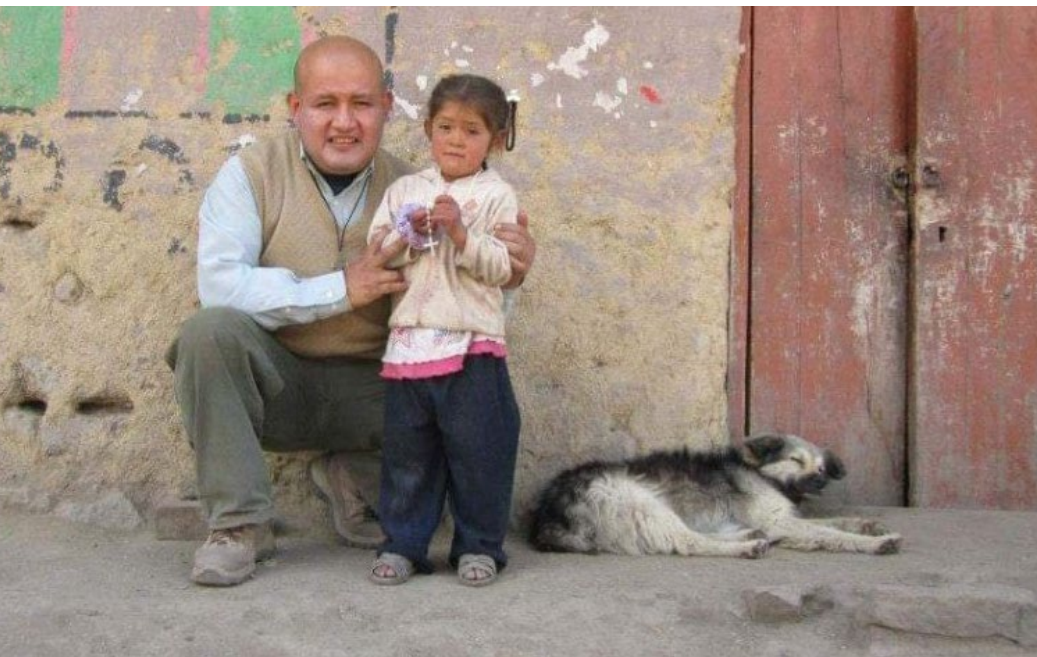
É uma violação da dignidade humana. Não há justificação para o que está a acontecer, assim como não há

justificação para a construção de muros para separar os homens uns dos outros.

As Crianças são uma bênção.

No meu coração de pastor guardo todos os pais que quereriam beijar os seus filhos de manhã,

despedir-se deles, e não o podem fazer. É preciso pôr fim a esta desumanidade!”



# Llamados a Ser Misión.

## Narciso Chinguel

**POR:** BEATRIZ CASTRO PÉREZ

**F** Hoy y en clave de misión os presentamos al Misionero Redentorista Narciso Chinguel, o como es conocido por el todos el “Padre Chicho”. Chicho nació en un pequeño pueblo de Piura, ciudad que está situada en el Norte de Perú y donde las vocaciones Redentoristas han sido numerosas. Actualmente, es el Viceprovincial de los Misioneros Redentoristas de Perú Norte.

Aunque lo que a él le entusiasma es la Misión. Lleva casi toda su vida en el equipo Misionero Itinerante recorriendo todos los rincones de Perú. Ha estado en Santa Cruz de la Sierra, Casma, Otuzco, Trujillo, Piura y Lima entre otros destinos, porque Chicho no para, allí donde se le necesite está.

Bajo el lema “Bautizados y enviados” hemos celebrado el Mes Misionero extraordinario (MME). El Papa Francisco en el mensaje del Domund, nos dice, y cito textualmente: “yo soy siempre una misión; tú eres

siempre una misión; todo bautizado y bautizada es una misión. Quien ama se pone en movimiento, sale de sí mismo, es atraído y atrae, se da al otro y teje relaciones que generan vida. Para el amor de Dios nadie es inútil e insignificante. Cada uno de nosotros es una misión en el mundo porque es fruto del amor de Dios.”

Este texto del Papa me hace pensar en muchos redentoristas que por todo el mundo son Misión y que he tenido la gran suerte de conocer. Pero para todos los que conocemos al Padre Chicho este texto habla de Chicho porque: él es MISIÓN.

Caminante inagotable, persona tranquila, abierta y sencilla. Irradia felicidad, y sus ojos están llenos de vida. Y no para de hablar (aunque parece tímido), de todas las comunidades a las que tenemos que apoyar y de todos los sitios a los que todavía falta la presencia de la alegría del evangelio.

Siempre está pendiente de las personas que sufren, y tiene una sensibilidad especial para ellos. Una de las últimas veces que he hablado con él, me contó que en Semana Santa se había ido a la Selva a una zona totalmente abandonada, y me decía “aquí es donde tenemos que estar”, con las personas que no tienen nada. Aquí tenemos que estar presente, porque es donde más se necesita. Chicho es un misionero que habla desde el corazón, desde el cambio, habla desde el Amor y hace que sientas y vivas la misión. Es una Iglesia en salida de la que tanto nos habla el Papa Francisco.

Continúa la misión que inspira una espiritualidad de éxodo continuo, caminante de Emaús sigue saliendo al encuentro del que sufre. Para mí es un testimonio de esperanza en este mundo herido. Es un santo cotidiano que tiene “silenciosamente” la capacidad de transformar el mundo, pero no con grandes gestos sino estando al lado del que sufre, del que no tiene nada.

Conocí a Chicho en mi primera experiencia de Misión en Perú en un verano hace ya más de diez años. Era en Otuzco, un pueblo que está situado en la sierra a una altura de unos 2800 metros de altitud. Desde allí, salíamos de semana en semana, con el saco de dormir y poco más a visitar las comunidades más alejadas, que os aseguro que estaban muy lejos.

Montaña arriba y abajo fuimos visitando las casas una por una, bendiciendo todos los rincones y acercándoles a un Dios que creían que les había abandonado. Las situaciones de allí son duras, estas comunidades viven sin luz, agua potable y con unas situaciones climáticas adversas, donde sobreviven como pueden. Chicho siempre quiere estar cerca de las comunidades más desamparadas, y llevar un mensaje de esperanza para todos. Para mí fue un descubrimiento en primera persona ver cómo la Iglesia cambia el mundo desde la misión, sale al encuentro del otro y lo hace, en todos los rincones del mundo, por lejanos que nos parezcan.

Una de las cosas que más me sorprenden de Chicho es que siempre anima a todos a la Misión, siempre en la comunidad que esté, quieren que estemos presentes los misioneros laicos y los voluntarios para llegar a más personas con nuestro mensaje de redención. Chicho para mí es muy importante porque tiende lazos, acerca realidades y abre puentes. Siempre nos invita a trabajar.

Somos instrumentos de Dios en este mundo herido, tenemos que ser Misión. Es una reflexión preciosa para cada uno de nosotros el plantearnos cómo somos misión, cómo conseguir inundar de Amor este mundo tan falto de él.





# Fear not, **God is in control**

St Clement Mary Hofbauer

**POR:** IVES DE MEY CSSR

Faced with empty churches, an ageing clergy and legislations that try to evacuate religious signs and activities out of the public forum, it is easy to conclude we can't continue our mission.

Saint Clement wasn't easily put off to find (new) ways to bear witness of the hope that lives in him. The first Redemptorist outside Italy (together with Thaddeüs Hubl) has lived it all.

## **Life is not easy...**

"As a student in Vienna I was sad to see my teachers bending to political correctness. Many theologians thought the church would remain in power by bowing down before the emperor. Don't they understand God is in control?"

People read my life and think I had a hard time in Warsaw with so many needy people counting on me while I even didn't have a proper housing. They fail to realise the weight of the constant uncertainty about the future. I tried to find a safe place for the mission. None of my endeavours was successful. After 23 years trying and working, I sat in that attic room in Vienna with no permission to preach or to do public ministry. And... stuck with father Stark whom I can't stand!

Earlier in my life I got depressed once. All the failures, the obstacles, the efforts in vain, the dreams that couldn't be realised... the financial worries and the care for the confreres,... it was too much.

I could only pray 'God, you are my Lord. Lead me, I surrender to Your will'."

## **Losing control**

"I didn't have an easy childhood. My father died, there was no money for school. I worked in a bakery. My desire to serve God and his people as a priest had to be stored away. I didn't ask the WHY-question, because I trusted that God is in control. A WHY-question tries to master control over an issue.

It's best I grant God control, because I can't even control myself. I must admit I easily lose patience. My impulsive behaviour has embarrassed me many times.

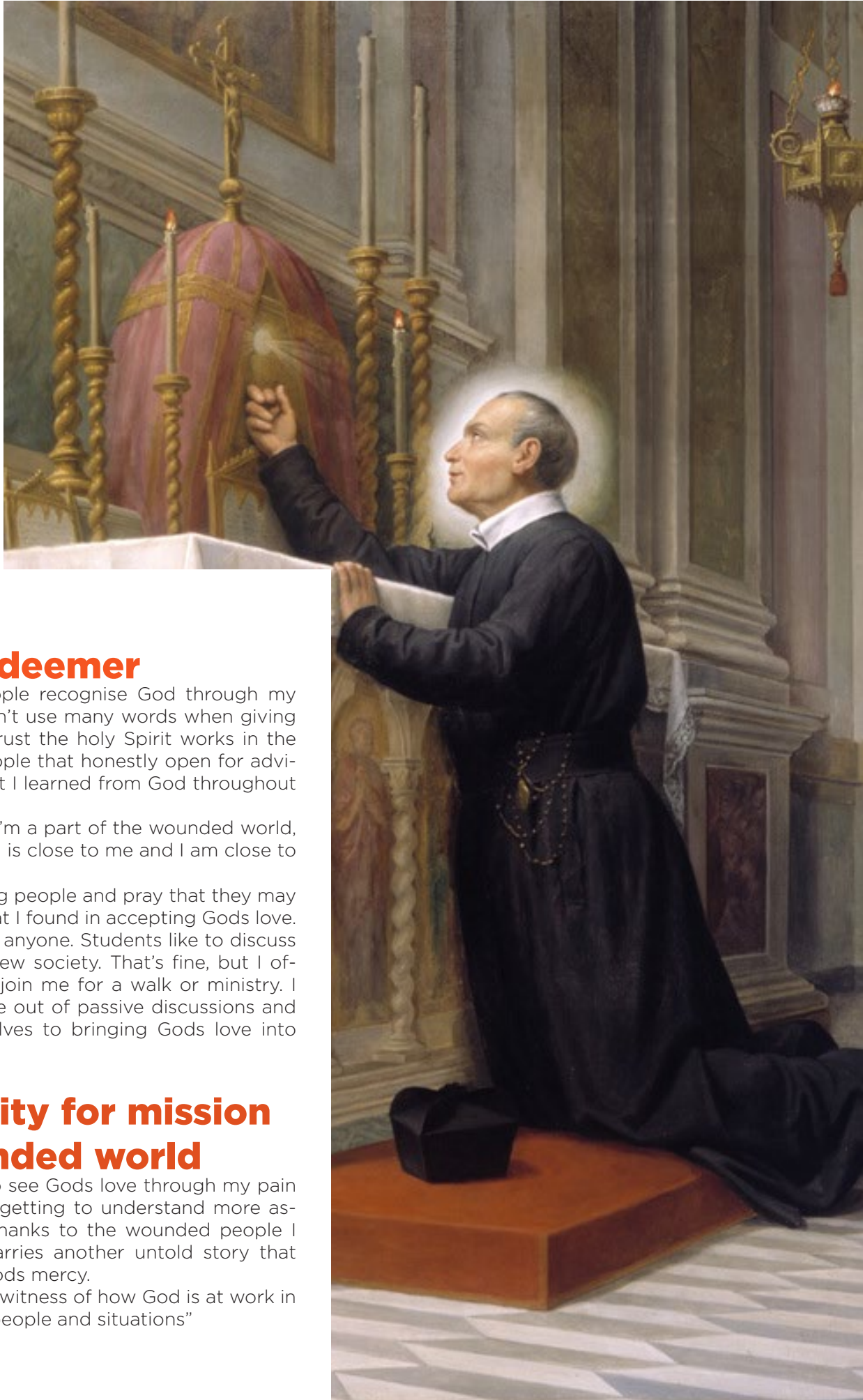
Looking back on my life, I see that precisely my human weaknesses have helped me to be a relentless witness of Christ in a wounded world."

## **Experiencing the wounded world**

"Let me explain this to you:

- I discover the wounded world in myself. My difficult character, my struggles, my pain, my poverty and my uncertain situations, the false rumours about me, the miscommunication with my superiors,... here is my wounded world.

- And I get to see the power of Christ's love in action. Each time I humbly accept that I'm less perfect than I would like to be, I get a sense of the love that Jesus bears for me. He didn't come to judge, He came to call and even choose sinners to be his apostles."



## **Witness of the Redeemer**

"It seems that people recognise God through my words. I usually don't use many words when giving spiritual advice. I trust the holy Spirit works in the hearts of these people that honestly open for advice. I just share what I learned from God throughout my own life.

As I said: because I'm a part of the wounded world, the wounded world is close to me and I am close to the wounded ones.

I visit sick and dying people and pray that they may know the peace that I found in accepting God's love. My door is open to anyone. Students like to discuss how to build the new society. That's fine, but I often invite them to join me for a walk or ministry. I want them to come out of passive discussions and to commit themselves to bringing God's love into practise."

## **In solidarity for mission to a wounded world**

"Just as I started to see God's love through my pain and wounds, I am getting to understand more aspects of his love thanks to the wounded people I meet. Each one carries another untold story that bears witness of God's mercy.

I am the privileged witness of how God is at work in so many different people and situations"

# BUILDING THE KINGDOM

## - Alec Reid

**POR:** BRENDAN DINEEN



**F**or Alec Reid C.Ss.R was a Redemptorist priest who played a pivotal role in the early stages of the peace process in Northern Ireland when he acted as an intermediary between the IRA and the Irish government.

For almost 40 years Father Alec Reid lived at the Clonard Monastery off the Falls Road in West Belfast. As feuds between Unionists and Nationalists raged on his doorstep, he worked behind the scenes to broker peace and offer comfort to those affected by the violence.

He first came to prominence in Northern Ireland in 1982, when he visited Gerry Adams, then joint vice-president of Sinn Féin, to try to persuade the IRA to release a kidnapped member of the Ulster Defence Regiment. The mission failed and the IRA murdered the man. In 1988, during some of the worst of

the Troubles, when there seemed to be no hope of a political or military solution, a shocking photograph of Father Alec, his hands clasped in prayer, his face smeared with blood, kneeling over the body of a British soldier - one of two who had been lynched by a frenzied Republican mob, seemed to indicate that Northern Ireland was about to descend into new depths of inhumanity.

The picture was beamed around the world, but no one knew until years later that beneath his coat the priest was carrying a secret Sinn Féin document for the Social Democratic and Labour Party (SDLP) leader John Hume on how to resolve the crisis. After the photograph was taken Reid returned to his monastery and changed the envelope because the blood of one of the British soldiers was on it. Despite the failure of his earlier attempt to persuade Gerry Adams of the need to pursue peace, Reid remained in close contact after Adams became Sinn Féin president, and in 1987 was asked to act as go-between when the IRA first made guarded suggestions of a ceasefire to the then Irish Taoiseach (Prime Minister) Charles Haughey. In the late 1980s, Reid facilitated a series of meetings between Adams and John Hume, in an effort to establish a "Pan-Nationalist front" to enable a move towards renouncing violence in favour of negotiation.

Reid then acted as a vital communications link between the Sinn Féin leader and Irish Governments as the peace process developed in secret, a vital first step towards the setting up of negotiations involving all sides in Northern Ireland and which eventually led to the first IRA ceasefire and the signing of the peace agreement in April 1998. It was said to be Reid who, through a mixture of persistence and self-effacement, convinced both Hume and Albert Reynolds, Ireland's Taoiseach in the early 1990s, that Adams genuinely wanted peace, realising that the IRA could not defeat the British. When the IRA eventually de-commissioned its weapons in 2005, Father Alec Reid



was born in Nenagh, Co Tipperary, on August 5 1931.

He was professed as a Redemptorist in 1950, and ordained a priest seven years later. After serving in parish missions in Limerick, Dundalk and Galway, he went on to spend four decades based at Clonard Monastery in West Belfast. In an interview on the BBC Fr Reid spoke for the about the terrible events of March 19 1988 when he attempted to intervene to save the lives of Derek Wood and David Howes, two British army corporals who had blundered into a Republican funeral cortege. Fr Reid recalled seeing the soldiers being taken from their car, partially stripped and dragged to a sports ground. "They put the two of them face down on the ground and I got down between the two of them on my face, and I had my arm around this one and I was holding this one by the shoulder.

When I was lying between the two soldiers I remember saying to myself, 'This shouldn't be happening in a civilised society.' "Somebody came in and picked me up and said, 'Get up, or I'll f---ing well shoot you as well,' and he said, 'Take him away.' Two of them came on either shoulder and manoeuvred me out." He went on: "I can remember the atmosphere. You could feel it. I knew they were going to be shot. I can remember thinking, 'They are going to shoot these men.'" The IRA took the soldiers away and he heard two shots. He found Howes, 23, already dead, but 24-year-old Derek Wood was still moving and attempting to talk. Reid tried to give him the kiss of life, during which his face became smeared in blood. But it was too late so

he gave him the last rites. "One of my abiding memories of that day," Reid recalled, "is of a local woman putting a coat over one of the victims and saying, 'he was somebody's son'." "I felt I had done my best to save them, but I had failed to save them," Reid recalled. "I felt it was a tragedy that I had tried to stop and didn't." A nationalist MP was later to tell the House of Commons: "What happened to the two soldiers was . . . the nearest thing to the crucifixion of Christ that one could see."

In more recent years Father Alec Reid became involved in mediation between violent and mainstream nationalists in the Basque country of northern Spain and was credited with brokering the terrorist group ETA's 2006 "permanent ceasefire" which sadly lasted only nine months. In Reid was awarded the Sabino Arana World Mirror prize for his efforts at promoting peace in the Basque country and in 2008 was made an honorary graduate by the University of Ulster and Queen's University Belfast. The same year he shared the Gandhi Foundation International Peace Award with Reverend Harold Good. Father Alec Reid, born August 5 1931, died November 22 2013

The Fr Reid that I knew was a very quiet and holy man. He believed that Holy Spirit was leading our country to peace. He talked about the Church of the streets - that Ministers of the Church needed to be among the people getting their hands dirty to make the world a better place - building the kingdom.



## SALVATI DAL CIELO, NASCOSTI NELLA CHIESA DI SAN GIOACCHINO

**POR:** SCALA NEWS

Salvati dal Cielo: sette mesi in soffitta per sfuggire ai nazisti

Si sono fatti murare vivi nella Chiesa di San Gioacchino. L'unico contatto con l'esterno il rosone. La loro storia diventa un "corto"

“**M**urati vivi”. Una scritta sul muro e una data: 3 novembre 1943. Inizia quel giorno l'avventura di alcuni uomini - ebrei, disertori, renitenti alla leva - per fuggire dai tedeschi che occupavano Roma. Una storia rimasta nascosta per 40 anni, e riportata alla luce, è il caso di dirlo, da padre Ezio Marcelli, sacerdote della comunità redentorista presente fin da allora nella chiesa di San Gioacchino in Prati, dove si svolge questa vicenda. Dopo l'armistizio dell'8 settembre, la situazione è incandescente; chiese e conventi non sono risparmiati dalle incursioni dei tedeschi. Anche per i padri redentoristi è troppo rischioso continuare a proteggere ebrei e fuggiaschi nei locali annessi alla chiesa: il teatro e anche le stanze del convento. Nei libri delle cronache della comunità, si legge -

sotto la data del 24 ottobre 1943 - che “tutta la comunità è riunita in consulta per decidere su affari delicati”. Si trattava di stabilire la sorte di questi “ospiti”. I padri decidono di licenziarli, ma la storia va diversamente.

Racconta padre Ezio: “La decisione fu presa dall'ingegner Pietro Lestini, che era anche assistente dell'AC. Disse: chi vuole stare con noi deve seguirci in una *dépadance* in campagna. Tutti hanno accettato”, ma la *dépadance* non è altro che il sottotetto della chiesa, individuato come rifugio sicuro. È qui che questi giovanotti - il più anziano aveva 35 anni - acconsentono a farsi murare, “scomparendo” dalla scena. E quando viene posato l'ultimo mattone, che li avrebbe separati dal mondo per un tempo indefinito, il più giovane, appena un ragazzino, sviene. Solo a cose fatte vengono informati tre sacerdoti della comunità, che poi si coinvol-

gono nell'assistenza a quanti sono nascosti. Tra loro il superiore, padre Antonio Dressino. Protagonista indiscussa è suor Margherita Bérnes, delle figlie della Carità, la cui casa sorgeva di fronte alla chiesa: è lei che ogni giorno cucina per gli “abitanti” della soffitta (una trentina in tutto tra chi andava e veniva). Tra loro, almeno tre ebrei: i fratelli Finzi e Leopoldo Moscati. Per aver contribuito alla loro salvezza padre Dressino, suor Margherita, Lestini e la figlia Giuliana (che faceva da “postina” tra i rifugiati e le famiglie) sono stati insigniti dell'onorificenza di “Giusto tra le Nazioni”.

Passano così sette mesi, fino al 7 giugno 1944. L'unica via di comunicazione con l'esterno è la finestra del rosone, da cui passano il cibo e anche le persone, attraverso un sistema a carrucola rudimentale ma ben congegnato. Qualcuno che si sente male viene fatto uscire all'aria, qualcuno esce



per impegni particolari: per recuperare documenti, per la nascita dell'erede o per andare a trovare il padre in ospedale. E "la notte di Natale del '43 - racconta padre Ezio - è salito in questa soffitta anche un sacerdote, che i rifugiati ricorderanno per tutta vita. Qui sono state celebrate di tre messe. Una nottata indimenticabile". In soffitta si vive, appunto, di notte, quando la chiesa è chiusa, per evitare che si sentano voci e rumori. L'unico problema (soprattutto per il passaggio del cibo dalla finestra) è quando la luna illumina troppo la facciata della chiesa... e bisogna aspettare per poter salire o scendere senza essere visti. La vita si svolge su una passerella di assi di legno, larga neanche due metri, che corre tutto intorno alla soffitta. Ma il centro è inagibile, in quanto la copertura della volta a botte non può reggere il peso delle persone.

I rifugiati nella soffitta non si perdono d'animo e si danno da fare da subito, non solo per sopravvivere, ma per passare al meglio il tempo. Si comincia da subito: il 4 novembre è indetto il campionato di tresette, dal 5 novembre comincia il servizio postale. Arriva qualche giornale e anche il gioco "Crox", una specie di parole crociate da tavolo. La compagine è

molto variegata come età, provenienza geografica e appartenenza politica. I volti di alcuni sono rimasti immortalati nei disegni di uno di loro, Luigi De Simone. Il sottotenente Franco Papini è raffigurato mentre racconta la sua storia, a lume di candela. Sarà lui a tenere anche un diario di quei giorni, in cui si trovano informazioni preziose. Il Colonnello, in realtà sottotenente di fanteria Clemente Gonfalone, è il più pauroso. È lui che recita il rosario e le preghiere. Promette anche di farsi prete e in effetti sarà così. Carlo Prosperi, soprannominato "Ercolino" o "Porchetta", è protagonista di una scenetta memorabile, recitata nel giorno di Natale, nei panni di una infermiera. Ma "la cosa più importante - racconta padre Ezio - fu quella comunione che si era instaurata tra di loro. Qui dentro è nata una comunione di affetti e di azione".

La parrocchia di San Gioacchino in Prati è stata riconosciuta come "Casa di vita" dalla Fondazione Internazionale Raoul Wallenberg ([www.raoulwallenberg.net](http://www.raoulwallenberg.net)).

## PESSOAS, PENSEI EU. PRECISAM DE PESSOAS

POR: ANA ASCENSÃO

**T**inha terminado o curso da licenciatura em enfermagem e começara a entregar currículos em todos os lugares possíveis do país.

Todos, quase todos – menos os hospitais e clínicas de psiquiatria que optei por deixar de fora, por estigma e medo (o meu estágio em psiquiatria tinha sido numa unidade de desabitação de álcool e drogas, que me tinha fascinado, contudo sabia que a psiquiatria dos hospitais ia além disto).

No entanto, na zona Norte foi diferente e para descanso da consciência entreguei nos hospitais, clínicas e centros de psiquiatria desta zona, acreditando que não me iriam chamar de nenhum, de tão difícil que estava conseguir que me chamassem para onde quer que seja.

Primeira entrevista para a qual fui chamada? Para um centro hospitalar de psiquiatria no Porto. Até que se sucedeu um telefonema: “Enfermeira Ana, ficou em X lugar na entrevista, estamos a ligar para perguntar se gostaria de aceitar uma proposta de emprego para trabalhar como enfermeira neste hospital psiquiátrico.” Ainda hoje me lembro de logo de imediato me ter surgido em letras grandes no meu pensamento um “NÃO”, até que sorridentemente e sabendo que não estava em posição de recusar nada disse: “Sim, claro! Diga-me o que é preciso fazer agora.” Nos primeiros dias entrei a tremer. Tudo me parecia demasiado “filme de terror”. Até que passado um tempo é possível uma pessoa dar-se conta de que efetivamente os filmes e os estigmas da sociedade não nos têm ajudado. Pessoas como eu. Iguais. E no entanto o medo que eu sentia era precisamente este: o de me dar conta desta verdade, eu sou igual a uma pessoa daquelas. Os medos delas, os traumas delas, as rejeições, a infância, são como a minha.

Dias vincados por ligações de maior ou menor amor, de medo, de ódio. Eles tinham, eu também. Dito de uma forma curta aquilo

que define uma doença mental, são traços de personalidade, perturbações que todos nós temos em alguma proporção. O que leva uma pessoa a adoecer é repetir esses traços de uma forma contínua.

Foi então que me questioneei: de que forma eu poderia ser “pão partido” para aquelas pessoas? Como poderia ser além de uma enfermeira, uma pessoa? De que forma a vida da Ana, poderia ser efetivamente vida naquele contexto?

Pessoas, pensei eu. Pessoas precisam de pessoas. De laços que venham transformar nós. De alguém que esteja connosco por sermos “uma como ela” e que nos consiga ver e abraçar para além da nossa história, escolhas, erros e fracassos. Alguém que nos diga que “sempre vale a pena” sermos quem somos, mesmo quando estamos mais capazes ou menos capazes de o ser.

E foi então que surgiu a ideia de convidar algumas pessoas “voluntárias” para construir uma amizade com um estranho. Estranho esse que seria uma pessoa com doença mental, internada, às vezes abandonada e pouco entendida pela sociedade, família e profissionais de saúde. Convidar pessoas para fazerem um esforço para irem além delas, procurarem descobrir “o que mais precisa aquela pessoa” e darem um pouco de si, mesmo quando acreditam não ter para dar. Este era um bonito lema, uma bonita missão: sermos testemunhas de algo maior que nós num mundo que está ferido. Mas sabem o que descobri? Que quem estava ferida era eu e que fui curada pelo contacto com esta realidade. Que hoje, estes “voluntários” são aqueles que são salvos das suas feridas, da sua cegueira e das suas limitações.

Pois aquilo que descobri foi que quando acreditamos que estamos a ir ao encontro de alguém para o salvar, acreditemos, somos nós que estamos a ser salvos.

# AS COISAS EM MIÚDOS

POR: ANA MONTENEGRO

## TODOS OS DIAS COMEÇAVAM ASSIM

A Maria levantava-se e tomava o pequeno almoço com os seus irmãos, Pedro e João, enquanto os pais acabavam de preparar tudo para deixarem os filhos na escola e irem trabalhar.

Cada um tinha por hábito pedir aos pais apenas uma coisa para levar para o almoço na escola e os pais nunca chegaram a perceber bem porquê... Mas a verdade é que nunca nenhum deles chegava com fome a casa. Iam sempre juntos para a escola.

Ao chegar, tinham que se separar, cada um para a sua sala, apesar de não dispensarem a companhia uns dos outros mal a campainha tocava para irem para o recreio.

Na hora do almoço era igual: o primeiro a chegar guardava lugar à mesa para os outros e, entre todos, partilhavam o que tinham trazido de casa, para que todos pudessem comer um pouco de tudo. Era a forma que tinham de transformar cada almoço num banquete, como se todos os dias fossem dias de festa!

Mas chegou um dia em que um dos irmãos não apareceu logo no intervalo, demorou um bocado mais do que era normal... Na hora de almoço aconteceu o mesmo até que, no dia seguinte, o João nem sequer apareceu para se sentar à mesa com os irmãos.

No caminho de regresso a casa a Maria perguntou ao João se estava tudo bem, porque tinha sentido a sua falta e o banquete não tinha sido o mesmo sem ele. Foi aí que o João contou aos seus irmãos o motivo de ter faltado ao almoço daquele dia: tinha encontrado um colega, da sua turma, sozinho no intervalo da manhã e viu-o novamente sozinho na hora do almoço. Achou que não era justo ele e os irmãos estarem em festa e a partilhar a mesa, enquanto havia quem estivesse sozinho sem mesa para partilhar, por isso, nesse dia, tinha escolhido estender a mesa noutra direção.

A Maria e o Pedro não podiam estar mais felizes com a razão pela qual o João tinha faltado ao almoço que partilhavam todos os dias na escola, afinal só era motivo de alegria, porque também eles podiam ver a sua mesa estendida e o seu banquete alargado!

A partir desse dia também o colega de turma do João, o Tomé, começou a fazer parte dos encontros à mesa e, todos os dias, havia quem se quisesse juntar para fazer festa com eles! À medida que se iam juntando à mesa iam também começando a ser chamados pelo nome, e os sorrisos estampados no rosto de quem chegava, de novo, facilmente contagiavam os que se iam colocando à margem, com receio de não serem aceites.

Há-de chegar o dia em que a Mesa se estenda de tal forma que não há como ficar fora dela, que não há medo que nos impeça de fazer parte do Banquete a que estamos chamados a fazer parte!



# MAS NÓS NÃO

POR: JOSÉ SILVA OLIVEIRA MLSP

**P**arece haver em nós um estranho fascínio por desastres. Quando algum desastre acontece, ninguém estranha que nas horas seguintes os lugares em torno desse mesmo desastre sejam invadidos por muitos curiosos. Estamos habituados a que seja assim. Reconhecemos a existência desse fascínio, uma espécie de encantamento por destroços, uma certa avidez por verificar o que resta de algo que, valha-nos um qualquer deus, não nos aconteceu a nós. Como se quiséssemos agradecer in loco à fortuna de não termos sido apanhados desta vez e, ao mesmo tempo, alargar o nosso tempo de antena no café central lá do nosso bairro. Porque nós estivemos mesmo lá. Porque nós vimos mesmo como é que aquilo ficou. Porque nós ouvimos mesmo tudo o que outros comentavam sobre o que terá acontecido.

Normalmente, esta atracção não se justifica por uma especial relação com as vítimas do desastre. Também não é comum que seja justificada por uma genuína intenção de ajudar, de colaborar, de resgatar, de salvar... É mais uma atracção - talvez inconsciente - pelo caos. E uma atracção - talvez inconsciente - que ajuda a expandir esse caos noutras direcções. É uma espécie de desejo de sermos testemunhas de algo, de termos algo para contar, de denunciarmos até quem possa ter provocado o desastre (geralmente dentro de um sentido de justiça pouco ou nada reparador), mas sem nos impli-

carmos verdadeiramente junto daqueles que, nessa hora, experimentam um profundo sofrimento.

É difícil negar que este fascínio existe. Um fascínio que nos atrai ao sofrimento, mas sem lhe tocar. Um fascínio que nos puxa para o desastre, mas mantendo-nos sempre a uma distância de segurança. Um fascínio que faz de nós testemunhas de destroços, mas raramente da vida nova que nasce aí. É difícil negar que este fascínio existe porque ele é bem visível à nossa volta, todos os dias, nos cafés, nos transportes públicos, nos locais de trabalho, nos jornais, nas televisões, nas redes sociais. E, de algum modo, é um fascínio que nos vai contaminando de diferentes formas. Também no modo de sermos Igreja.

Como Igreja, todos temos consciência da nossa vocação a viver junto de todos aqueles que sofrem, mas nem sempre nos comprometemos verdadeiramente a estar aí, a existir nesse lugar, sem julgamentos, escutando e comunicando com quem se dói. De um modo ou de outro, todos vamos ecoando o refrão de uma Igreja em saída, mas nem sempre aceitamos o desafio de deixarmos algumas das nossas certezas e seguranças para nos deixarmos levar pelo Espírito a lugares que ficam para lá do "sempre foi assim". E reunidos à volta da mesa da Eucaristia, todas as semanas proclamamos que o Evangelho é Palavra de Salvação, mas nem sempre o mundo encontra na Igreja o testemunho de uma Boa Notícia que resgata, que acolhe e que dá vida nova a todos e sem condições.

**MAS NÓS NÃO** podemos deixar que o tal fascínio caótico ganhe espaço dentro deste Corpo que formamos. Não podemos deixar-nos levar por nada a não ser pelo Espírito. Isso obriga-nos a redescobrir e a investir seriamente na oração. A firmar os pés aí, nesse lugar que é a oração. Esse lugar de encontro com alguém que está vivo e que está de modo pleno a cumprir tudo o que revelou. Sim, Ele está vivo! Renovemos essa profissão de fé! Ele está vivo! Plenamente vivo! O nosso mestre está vivo e é incapaz de se conformar com o sofrimento. O nosso mestre está vivo e é incapaz de ficar a assistir de longe aos desastres que nos apanham a vida. O nosso mestre está vivo e conta connosco para estarmos junto a Ele na missão de resgate da Humanidade, a sermos testemunhas da acção redentora que Ele encabeça. Testemunhas do Redentor. Isso implica proximidade, intimidade, dedicação. Implica relação. Implica oração. E implica que levemos a oração a sério: não basta haver disciplina se fizermos da oração um vazio cheio de ditos, nem basta haver muita verdade no modo como entramos em oração se nos faltar a disciplina de cuidar dessa relação com o nosso mestre.

**MAS NÓS NÃO** podemos deixar-nos apanhar pelo medo. Quando dá medo, fechamos as portas. Quando dá medo, levantamos muros. Quando dá medo, ficamos presos às nossas pequenas certezas e seguranças. Se queremos verdadeiramente ser a tal Igreja em saída, precisamos de largar os medos que nos vão prendendo a grupos, a meios e a lugares que muitas vezes já não servem a missão dEle. Se queremos verdadeiramente ser a tal Igreja em saída, temos de aceitar com alegria os desafios de ir onde ainda não fomos, de encontrar quem ainda não conhecemos e de o fazermos de um modo que ainda não tentamos. Se queremos verdadeiramente ser a tal Igreja em saída, temos mesmo de sair. Sair do

conforto das estruturas onde sempre assentamos os pés. Ainda que possa ser muito duro e muito exigente largarmos as estruturas que nos dão uma sensação de segurança, nada é mais seguro e mais certo do que nos mantermos unidos num só Corpo e liderados por uma só cabeça: Ele! Temos nas mãos um desafio de solidariedade que nos mantenha unidos no mesmo Corpo, que não nos deixe cair na tentação de nos separarmos da missão dEle para defender o nosso conforto e a nossa segurança. Temos nas mãos o desafio de viver nessa abertura e confiança. Solidários para a missão. Corajosamente desapegados em relação a tudo em favor da missão. E sem nunca abdicar da Esperança.

**MAS NÓS NÃO** podemos manter-nos à distância do sofrimento. Não podemos ignorar quem tem a vida em ferida. Não podemos abandonar quem se sente à margem de tudo e de todos. Porque Jesus não ignora nem abandona. Porque o nosso mestre habita aí onde a vida dói. E se nós somos baptizados, se escolhemos mergulhar a vida em Cristo, então temos de estar onde Ele está, tocar quem Ele toca, defender quem Ele defende. Não podemos manter-nos à distância. Não dá para mergulhar fora de água. Ou habitamos essas margens ou passamos ao lado da opção radical pelos últimos. Temos de habitar aí. Num mundo ferido. Cumprindo o mandato missionário de anunciar aí a Boa Notícia da Salvação que não deixa ninguém de fora, que não apresenta condições prévias, que é Graça e Graça abundante.

**Testemunhas do Redentor,  
solidários para a missão num mundo ferido.**

**É o nosso dever, é a nossa salvação.**



# WITNESSES OF THE REDEEMER:

IN SOLIDARITY FOR MISSION TO A WOUNDED WORLD

POR: MICHAEL BREHL CSSR





John Moore captured this picture on June 12, 2018. This photo shows two years old Honduran child Yanela Sanchez crying because she and her mother, Sandra Sanchez, are taken into custody by US border officials in McAllen, Texas.

In November 2016, the 25th General Chapter chose this theme for the six-year term just beginning at that time. This theme keeps before our eyes that each of us is called to witness to a person – to Jesus Christ, our Redeemer and brother. It is our relationship with him that inspires and animates our mission, our lives, what we do and say.

This relationship with the Redeemer, with Jesus, is at the very heart of who we are. As Pope Francis writes: “we are convinced from personal experience that it is not the same thing to have known Jesus as not to have known him, not the same thing to walk with him as to walk blindly, not the same thing to hear his word as not to know it, and not the same thing to contemplate him, to worship him, to find our peace in him, as not to. It is not the same thing to try to build the world with his Gospel as to try to do so by our own lights” (*Evangelii Gaudium* 266). Our encounter with Jesus not only fills us with the joy of the Gospel – it changes our lives.

At the same time, inspired by the Holy Spirit and the signs of the times, our brothers and sisters at the General Chapter reminded all of us that we live in a world which is wounded, broken, crying out for wholeness and welcome. We celebrated the General Chapter at the Redemptorist Centre in Pattaya, Thailand. We were surrounded by signs of the ‘wounded world’ everywhere we looked. We met many children, women and men whose lives are broken. And we saw the difference that Redemptorist missionaries make on a daily basis.

When I look at this photo – the World Press Photo of the Year – I cannot help but remember our theme, and the very real wounded world in which we live. It is difficult to look into the eyes of this child without feeling her pain, confusion, fear and desperation. Imagine such a situation. Other figures in the photo help us to understand that she is probably the child of refugees from Central America, facing the US federal agents somewhere along the southern border of the United States. She is separated from her parents, confronted with unfamiliar adults, and she doesn’t know what is happening as her world collapses. Her mouth opens in a silent scream of pain and there is no one to comfort her!

Without knowing the specific details, we know her story. We have seen it far too often. Perhaps some of us have lived it – or parts of it. Perhaps we feel helpless and alone when we encounter such stories of pain and desperation. The wounds in this world can overwhelm us, isolate us, and discourage us. There is too much pain in the world around us. Perhaps we want to withdraw from it and create a ‘safe refuge’ for ourselves and those whom we love – for our children and families, our ‘micro-world’. We can’t do much about the whole world, but we can protect ‘our own’.

When I look more closely at this photo, I find myself drawn into this child’s pain. Perhaps what disturbs me

most is that the two adult figures are standing over her, perhaps looking down on her, as she stands alone, small and abandoned. Will no one bend down to her? Will no one reach out to her, look into her eyes and meet her on her level. Will no one comfort her with an outstretched hand or embrace?

When Miriam sent me this photo and asked me to write about it in the light of our theme for the sexennium, it seemed all too familiar – as if I had seen it before. And then I realized that I had seen it before. It was taken on the southern border of the United States with Mexico. It appeared in newspapers during the controversy surrounding the ‘zero tolerance’ policy of the Border Agents, when thousands of children were separated from their parents as the parents claimed asylum in the United States. The photo of this young girl and the evident pain and terror of her experience led to an overwhelming response in those who saw it. Thousands of American citizens raised their voices to give words to her silent scream. In a massive outpouring of solidarity, they called and wrote to the President, to their representatives in Congress, to anyone who would listen. And the policy and practice of separating children from their parents was modified. Those thousands of voices made a difference when they came together in solidarity. And they came together because the people who spoke out were open to experience the pain of the wounded child in this photo, and to welcome her in her humanity.

I’ve read that this young girl was not separated from her mother. I don’t know what happened next. Was their plea for asylum heard? Were they ‘sent back’ to face even more difficult pain and hardship? I know that this girl’s story is repeated daily all over the wounded world in which we live. How shall we respond? In solidarity for mission or in isolated refuges where we are isolated and safe from experiencing the pain of the wounded world?

The Redeemer: how does he respond? He reaches out and touches the leper, and in that touch the leper is healed. He embraces the child and offers a blessing. He takes a young girl by the hand and restores her to life. He seeks the lost sheep, the ‘prodigal son’, the woman condemned by all. He sees. He stops. He reaches out. And he heals. Doing so, he opens himself to the pain of the world. In fact, he is wounded and gives his life. This is the length to which his love will go.

To witness to this Redeemer is to open our eyes to see the wounded world, and our hands to welcome and embrace our sisters and brothers. Even more, it is to do this in solidarity, together, in communion. Doing so we will create communities of inclusion and welcome. And we will become missionaries of mercy who allow the Redeemer to touch and change the world today. This is our call and our privilege. May we live this vocation more fully each day.

POR: RUI SANTIAGO CSSR

# PORQUE LEMOS E ESCRREVEMOS POESIA

**P**erguntaram o que eu achava de uma “Miriam surpresa” para este 9 de novembro, e eu disse que estava bem. Depois perguntaram se eu podia escrever alguma coisa, e eu disse que estava bem. Perguntaram ainda se podia ser um texto escrito sobre uma dica qualquer que me dessem, e eu disse que estava bem. Perguntaram-me porque lemos e escrevemos poesia, e eu disse que não estavam bem.

A mim acontece-me procurar na poesia o dizer belo das coisas. Costuma ser certo, acertado. O dizer belo das coisas não se esgota nas coisas belas. Também onde dói, é a palavra poética que lá chega melhor, como a oração. Também o feio, é o dizer poético que o diz melhor, como é a oração que o faz ver desmascarado. É um exercício de verdade, uma exposição, um confronto, uma concessão à luz e à visão clara. Umas vezes a luz é doce e quente como bálsamo a envolver o corpo, outras é clarão e fissura pelos olhos a dentro, pela cabeça a cima. Talvez se leia poesia para que alguém diga por nós o que não sabemos dizer. É uma sala dos espelhos, tantas vezes. Janelas imensas para outro lugar, também. Tem dias. Eu sei lá! Porque me lançaram esta pergunta? Tenho encontrado poetas que me tiraram as medidas. Leio como se recebesse os graus e o viés dos meus próprios ângulos.

Quando eu era menino e o meu avô me mandava guardar a lenha que iria servir o inverno, usava um verbo muito bonito: “arrimar”. Mandava-me arrimar a lenha. O costume era eu não saber. Eu arrumava o melhor que podia. Ele ia depois, com aquelas mãos imensas, e arrimava. Eu empilhava a lenha, o meu avô versejava com ela. Eu levava-a para dentro, para os arrumos; ele depois ia lá tratar das rimas. Quando se sentava no fim, a cortar um cibo de pão e queijo, estava sempre vaidoso como um poeta a quem dentro dos olhos apareceu quem esperava. Os primeiros versos que vi eram feitos de lenha, uma poesia ao alto, arrimada junto à parede pelas mãos do meu avô. Fica bem à poesia coisas destas, porque as palavras levam dentro significados que às vezes esquecemos. A origem da palavra “poesia” é o verbo grego “poieô”,

que significa “criar”. Não é um fazer ou uma fabricação, mas uma criação, uma composição. A origem grega da palavra “poesia” convoca as mãos, artesanato e terapia. São as mãos de oleiro ou carpinteiro, são mãos de quem toca para cuidar, compor, curar. Tudo isto serviu na Escritura para chamar ao Deus a quem procuro, tudo isto assenta à medida no Cristo que preciso. Foi a Escritura que me mostrou a poesia e, no fundo, talvez seja o vislumbre da Palavra de Deus que eu busco em cada página que levanto em qualquer livro de poesia por aí. Tenho descortinado mais desta Palavra na poesia que visito do que em muitos livros de teologia por onde passo.

A poesia é uma senhora que ensina a ler devagar. Também me faz falta. Seria, aliás, motivo suficiente para a ler, como se fôssemos lá beber um vagar que precisamos, uma precisão de ritmo. Não é fácil ler devagar, olhar com vagar. Há uma voragem que se agita na ponta dos meus pés, uma precipitação palavrosa na beira dos meus lábios. Agradeço, por isso, a quem me mandar ler devagar, quem me ofereça um dizer em cima do qual eu não possa apressar-me. De morar.

E é quase sempre mais bonita uma página que não está saturada de palavras. Palavras que deixam espaço, muito espaço. Volto à Escritura, que me falou da poesia, e ao segredo que há nas palavras. Na outra língua bíblica, o hebraico, o verbo salvar diz-se “yasha”. A raiz deste verbo é “criar espaço”, abertura, vastidão. A Palavra de Deus dá-nos a intuir a salvação desta maneira tão bem dita, como espaço de liberdade, lugar de desfogo. A poesia serve o dizer de tudo isto porque não é uma palavra que ocupa, conquista, invade, nem se impõe pelo tamanho. Tanto branco em cada página insinua o tal espaço, o lugar da abertura.

E, depois, há o que não diz. É como uma ciência de silêncios. São os silêncios que rimam uns com os outros, em ritmos e regras lá deles. Nesses silêncios bem medidos costuma estar o dizer que me acerta em cheio. Tem palavras que dizem o suficiente para não terem que dizer outras que eu desvendo sozinho. E, quando a poesia tem truque, me desvendam também. É o risco.

# REDENTOON



## **Profecia**

Algum dia há de ser um novo dia,  
se realmente o tempo se renova.  
Sepultado nesta cova de rotina,  
a ver o sol pousar sobre a colina  
em frente,  
em vez de me entregar ao sono  
paciente  
de morrer,  
ponho-me a futurar o amanhecer.

E com toda a inquieta  
serenidade sagrada de um poeta  
que descortina  
a universal e própria salvação,  
vejo na imprecisão  
que a próxima alvorada  
- ou ela, ou outra, ou outra, ou outra  
ainda -  
dará por finda  
esta luz monótona e cansada.

**Miguel Torga**



**MIRIAM**

[WWW.CSSR.PT/MIRIAM](http://WWW.CSSR.PT/MIRIAM)

